

ENTRE CORPOS: AS RELAÇÕES ENTRE PESQUISADOR E INTERLOCUTORES EM UMA ETNOGRAFIA NO CIBERESPAÇO

AMONG BODIES: THE RELATIONSHIPS BETWEEN, RESEARCHER AND INTERLOCUTORS IN AN ETHNOGRAPHY IN THE CYBERSPACE

Weslei Lopes da Silva*

Introdução

O único roteiro é o corpo. O corpo.

João Gilberto Noll

A subjetividade é, sem dúvida, uma das questões importantes que perpassam a reflexão sobre fazer ciência na antropologia e áreas afins, sendo, portanto, o lugar do pesquisador motivo de discussão em várias abordagens nas ciências sociais. Ao tratar da subjetividade e dos problemas que dela advêm na etnografia, Gutwirth (2001), por exemplo, afirma que dada a relação direta do pesquisador com outras pessoas e outras mentalidades, é impossível a ausência total de subjetividade. Além dele, diversos auto-

res (DA MATTA, 1978; VELHO, 1981; OLIVEIRA, 2000; entre outros) discutiram sobre a presença da subjetividade na pesquisa etnográfica. Nesse sentido, “a realidade sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Portanto é necessário perceber o estudo da sociedade como objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa”. (VELHO, 1981, p. 129).

É preciso ter em mente que nos processos investigativos, como em qualquer contexto em que se desenvolvem relações humanas, é por, e através do corpo, que o cientista se coloca no campo, cuja materialidade tem o lugar de veículo de comunicação e de interação com os outros. O “mundo vivido”, de acordo com Merleau-Ponty (1994), possibi-

* Professor da Faculdade Martins (FAMART), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: wesleilop@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1992-9851>.



lita um saber sensível, corporal, percebido pelos sentidos, de onde procedem os demais conhecimentos, antes mesmo das configurações simbólicas que se relacionam ao raciocínio e aos processos reflexivos. Esse argumento sinaliza a importância que o corpo do pesquisador tem em sua prática, situação que muitas vezes é desconsiderada. Nesse sentido, se o questionamento sobre o olhar que o cientista engendra acerca dos nativos e da necessidade de objetivação científica é fator de constante reflexão e policiamento, em contrapartida o corpo do pesquisador quando de sua prática científica também pode ser considerado como metodologia própria (VALE de ALMEIDA, 1996; CSORDAS, 2008).

Dessa perspectiva, parto aqui de uma pesquisa mais ampla (SILVA, 2014) sobre a percepção do corpo e as vivências corporais de *strippers* virtuais quando da realização de seu ofício, para a reflexão de como, na pesquisa de campo, eu, enquanto investigador, experimentei o corpo na realização etnográfica em contextos virtuais. Nessas vivências, importou, de forma bastante significativa, minhas experiências anteriores de pesquisa, dentre as quais destaco a dissertação de mestrado, cuja metodologia se centrou na história oral e na observação sistemática do contexto de trabalho de três professores de crianças, em que busquei compreender o fundamento de como se davam as relações corporais entre eles e seus alunos. Mais especificamente, o objetivo daquele trabalho foi analisar a constituição identitária, e como os professores vivenciavam o corpo na docência e, principalmente, como interagiam corporalmente com as crianças (SILVA, 2006).

Do que falamos quando falamos de corpo? De que corpo tratamos quando de sua atuação em espaços virtuais? O que enten-

demos por corpos femininos representados e vividos em ambientes do ciberespaço em interações de strip-tease on-line pagas? E, mais especificamente, como levar a cabo uma etnografia sobre as vivências corporais de mulheres dedicadas a esse ramo, a partir de uma comunicação geralmente circunscrita à escrita em comunicadores instantâneos? Essas são as questões que orientaram as reflexões deste texto.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

O corpo humano é substância essencial no processo de mediação da experiência humana e, ao buscarmos o desenvolvimento de uma reflexão histórica em distintas épocas e paisagens geográficas, perceberemos que essa tende a se desenvolver através da manifestação e relação entre os corpos, o contexto e seu entorno. Espaço e motivo de infinitas representações, o corpo é um complexo semântico que se traduz em muitos saberes e olhares, várias formas de percebê-lo e vivê-lo, pois, como tem sido apontado desde os primeiros estudos etnográficos, cada sociedade, em tempos e espaços diversos, compreende, representa e interage corporalmente de múltiplas maneiras. Em outras palavras, reconhecido como suporte e produtor de signos sociais, o corpo tem sido concebido e interpretado a partir de várias abordagens construídas no diálogo com a sociedade e a cultura (MAUSS, 1974; VALE de ALMEIDA, 1996; CSORDAS, 2008; LE BRETON, 2009, 2011).

Essa heteroglossia que perpassa e constitui os corpos é influenciada e marcada pelas descobertas científicas e tecnológicas, pelas ideologias e discursos religiosos, pelas demandas econômicas, políticas, sociais e culturais. E com as novas tecnologias de informação e comunica-

ção¹, o sentido de presença e ausência, de proximidade ou distância, seja espacial ou temporal, ganharam novos sentidos e têm modificado a experiência e vivência corporal de milhões de pessoas ao redor do mundo. O sentido de trânsito também é remodelado pois, ainda que virtualmente, o corpo transpõe barreiras geográficas, culturais, profissionais, possibilitando novas experiências (BALDANZA, 2006).

Nesse panorama, o corpo e os modelos de subjetividade praticados no ciberespaço manifestam os modos particulares de agência de cada sujeito no mundo virtual, de acordo com o contexto, os objetivos e as interações levadas a cabo. A virtualização corporal, portanto, não condiz com a desmaterialização do corpo, mas com seu redimensionamento que amplifica as possibilidades de sua (des)construção e vivência. Trata-se de uma transformação sociocultural, política e, consequentemente identitária, que importa diretamente na produção da subjetividade no mundo contemporâneo.

Em face do vasto campo de possibilidades, o ciberespaço evoca outras formas de interação, de toque e de sensibilidade, de acordo com a inventividade, os desejos e as expectativas daqueles que buscam essa prática. E para que essa forma de sexo aconteça, “são mobilizados os recursos possíveis em cada momento para corporificar as partes envolvidas, por meio de imagens (estáticas ou em movimento) e de descrições”

(SILVA, 2008, p. 183). São reinventadas as relações sexuais, o corpo, e, com isso, tornam-se possíveis novas experiências e maneiras de ser e estar no mundo.

Uma perspectiva que tem ganhado relevo nas últimas duas décadas, nos estudos antropológicos sobre a temática do corpo, parte do conceito de incorporação (*embodiment*) de Thomas Csordas (2008). O autor propõe a elaboração de um paradigma antropológico que busca o rompimento definitivo com aspectos dualistas no estudo do corpo. Para ele, o corpo pode ser construído, ao mesmo tempo como fonte de representações e como fundamento do estar-no-mundo, isto é, deve-se considerar que a representação pode ser compreendida como constitutiva da experiência e da realidade enquanto textos. Em vista disso, o corpo, além de poder ser reconhecido como um objeto sobre o qual a cultura opera, deve ser vislumbrado como o local das percepções, a partir das quais a cultura “vem a ser”. Assim, em uma perspectiva transdisciplinar, Csordas recupera o conceito de corporeidade e de “estar no mundo” extraído da fenomenologia de Merleau-Ponty (1994), a partir da ideia de percepção como experiência corporal, na qual o corpo, sujeito (e não objeto) da percepção, apreende a realidade por meio de seus sentidos, de onde procedem os demais conhecimentos, antes mesmo das configurações simbólicas que se relacionam ao raciocínio e aos processos reflexivos.

1. Se o ciberespaço representa o apogeu da virtualidade nos dias que temos vivido, não significa, contudo, que ela tenha surgido com a rede mundial de computadores, pois a sensibilidade à virtualidade é uma característica própria do ser humano, a começar pela linguagem. É a virtualidade que permite ao sujeito transportar-se simbolicamente a outros lugares, viver as experiências dessa viagem e, principalmente, “criar realidades a partir de estruturas que são puras abstrações antes de tornarem-se fatos empíricos” (LINS RIBEIRO, 1996, p. 6). A sociabilidade virtual, pensada como interação apoiada pelos aparatos tecnológicos em que a presença física não se faz imprescindível, estabeleceu-se com a invenção da escrita e, posteriormente, do telefone (LINS RIBEIRO, 1996).

Csordas (2008), então, propõe, com a ideia de “estar-no-mundo” e com o paradigma da incorporação, uma análise que leva em conta a experiência vivida dos sujeitos, considerando-a como processo temporal e historicamente determinado. Promovendo o diálogo entre Bourdieu e Merleau-Ponty, o autor reconhece que o corpo está imerso em um campo político e, em razão disso, é motivo de interpelação normativa. Desta perspectiva, para Csordas a teoria do *habitus* é importante na medida em que possibilita analisar como o corpo é socializado e como as disposições corporais dos sujeitos se associam e coadunam com as prescrições sociais. O corpo, à vista disso, não é considerado objeto, mas sujeito da cultura, o que leva a experiência corporal à categoria de método de pesquisa, haja vista a consideração do quanto a realidade estudada pode ser incorporada nos sujeitos pesquisados.

Atravessados por diversas tecnologias, discursos institucionalizados e práticas cotidianas, os sujeitos se constroem enquanto corpos masculinos e femininos na expectativa de manter o gênero em sua estrutura binária (BUTLER, 2003). Esse complexo semântico convertido em prática social é, para Judith Butler, uma questão de performatividade. Em sua análise, o gênero é performativo, pois ele é aprendido numa atuação reiterada e imperiosa em função das pautas sociais que circundam e orientam as ações dos sujeitos. Subordinados a essa estrutura de poder, a atuação do sujeito de acordo com o lugar que lhe foi destinado e cujas prescrições ligadas a ele devem ser seguidas, está sempre condicionada a recompensas e castigos. Para Butler, são os atos de

gênero que criam o gênero, uma vez que o gênero não seria um dado de realidade, mas ficções sociais compulsórias e reiteradas. E o gênero está diretamente ligado ao corpo, pois o seu efeito só é produzido pela estilização do corpo, o que significa dizer que a performance de gênero está relacionada a estilos corporais, que estão submetidos a um sistema normativo que estabiliza não apenas os efeitos do gênero, mas também a materialidade do corpo (BUTLER, 2003; 2005).

A partir dessas reflexões, o paradigma da incorporação (CSORDAS, 2008) é uma perspectiva importante para o estudo e a apreensão do gênero, pois parte da ideia de que a vida está radicada no corpo, e que é através das experiências corporais que o sujeito e a vida social se constituem e interseccionam. Nesse sentido, o corpo manifesta, por meio do processo de incorporação, a relação entre o *self* e a cultura e “pensar o gênero também através desta perspectiva incorporada, nos permite perceber que ele próprio é fluido e inacabado, sendo progressivamente construído, negociado, performatizado na relação com outras interações sociais” (JAYME, 2001, p. 40).

2. Os caminhos da etnografia no ciberespaço

Tendo decidido o objeto de investigação de qual parte este texto, a primeira aproximação a esse segmento do universo erótico se deu por meio do site Lovecam². Assim que se entra no site, em sua página principal, sem qualquer aviso do conteúdo a que o internauta terá acesso, vê-se prontamente o anúncio das salas disponíveis por meio de fotos dos profissionais que estão on-li-

2. www.lovecam.com.br. À época da pesquisa, esse era um dentre muitos sites que ofertavam esse tipo de serviço.

ne, indicando os vários recursos mobilizados por mulheres para atrair a atenção de possíveis clientes. Imagens construídas para o consumo, as fotos que anunciam cada pessoa apresentam o que cada um/a considera seu ponto forte, e que tem a ver com a representação de que algumas partes do corpo são mais importantes que outras quando o erótico está em jogo. Os nomes apresentados também são recursos que visam à criação de fantasias e, em conciliação com o agenciamento dos corpos, confabulam para despertar ainda mais o interesse pelos seus serviços na expectativa de satisfação sexual.

Com o slogan “Encontro virtual, prazer real” escrito em letras destacadas, o site Lovecam oferece dezenas de pessoas (majoritariamente mulheres sozinhas, mas há também duplas mulher/homem e mulher/mulher) que têm “salas alugadas” para a atividade, e cujo acesso por parte dos clientes se dá através da compra de créditos, que vão sendo descontados de acordo com o tempo que o cliente se mantém conectado³.

Após cerca de seis semanas de observação das dinâmicas dos shows em salas coletivas, convidei algumas mulheres a participar da pesquisa, via Skype, mas nenhuma delas se mostrou interessada em fazer parte da investigação, mesmo diante da proposta de uma compensação financeira pelo tempo despendido nas entrevistas. Nesses diálogos, uma das garotas, Andreza⁴, explicou que elas que não podiam, sob nenhum motivo, passar qualquer contato para os clientes, o que poderia custar-lhes a permanência no site. Ter escrito aos gestores do

LoveCam e de alguns outros sites, explicando os objetivos da pesquisa e solicitando a permissão para tal, em seus respectivos sites, e a possibilidade de facilitarem o acesso às salas, via passe livre ou por meio de um pagamento mensal, com um desconto no preço total, também não adiantou. Isso posto, seriam necessários outros caminhos para a pesquisa.

Como grande parte das etnografias, esta investigação não deixou de apresentar ruídos e saias justas em seu desenvolvimento, destacadamente quando buscava por meus interlocutores. Sobre tais eventos, Malinowski (1976) aponta que os imponderáveis surgidos durante a pesquisa de campo, podem se tornar importantes pontos de análise da investigação e promover a emergência de novas questões ou atualizar outras e, por esta razão, não devem ser excluídos do texto etnográfico. Considerando, então, a inviabilidade da investigação nesse espaço, pelo menos com o consentimento e facilidades provenientes dos gestores dos sites, e que dificilmente eu conseguiria fazer com que alguma das mulheres aceitasse conceder-me entrevistas a respeito de seu trabalho, outras ações precisaram ser empreendidas. Ainda assim, as observações dos shows nas salas coletivas foram muito importantes para as reflexões iniciais, e contribuíram para a problematização da pesquisa e o engendramento de suas configurações. Mas a importância de “ouvir” as mulheres que executavam esse tipo de trabalho, de conversar a respeito, e mesmo de acompanhar com maior frequência sua rotina no cibe-

3. Havia duas modalidades de salas: aquelas em que a exibição acontece para várias pessoas ao mesmo tempo e as salas individuais, nas quais interagiam apenas a pessoa contrata e o cliente. Os pacotes podiam ser adquiridos através de cartão de crédito, boleto bancário ou PagSeguroUol.

4. Os nomes das mulheres que participavam dos sites de strip-tease virtual pago foram mudados, a fim de preservar-lhes a identidade.

respaço, a fim de que se pudesse atender às nossas indagações, traria vivências que, sendo relatadas, complementariam os questionamentos sobre os quais se estabeleceu esta investigação.

Apenas por intermédio de seus shows e das imagens vinculadas como propaganda, acredito que não conseguiria chegar às suas vivências corporais no exercício da ocupação, que se tratava do propósito maior da pesquisa.

A experiência nas semanas seguintes indicou que seria improvável conseguir a participação de mulheres que fazem strip-tease para esta investigação, a partir dos sites pagos⁵, haja vista um dos motivos apresentado. Ante essa dificuldade, a stripper de Deusa da Web, se torna o principal informante da pesquisa, dentre nove mulheres que compuseram os sujeitos da pesquisa. As diversas fotos, vídeos e informações sobre o tipo de serviço oferecido, as variantes dos shows, dentre outras referências presentes no site, revelaram que ali havia um significativo campo de possibilidades para a investigação, com referências que poderiam se converter em importantes dados.

Diferentemente das abordagens que acontecerem nos sites de strip-tease virtual, desde o primeiro contato com Deusa da Web ela se dispôs a conversar comigo a respeito de seu trabalho. Nesse diálogo, perguntou-me: “O que quer saber, afinal?” Essa pergunta, de forma tão direta, colocou em suspenso as questões que eu trazia a partir de minhas experiências nos sites que havia visitado. Se havia tanta coisa para perguntar naquele momento, os descaminhos da pesquisa me fizeram recuar um pouco no ímpeto que tive de inquiri-la sobre vários

pontos de seu trabalho. A meu ver, precisava ir devagar, e não intimidá-la, para não correr o risco de perder mais uma informante. Portanto, reiterei os objetivos da pesquisa e seguimos conversando acerca da ampliação da oferta de sexo pago na internet, e das vantagens desse tipo de comércio.

O propósito de enviar o link de meu Lattes às *strippers* interpeladas, veio como resultado da desconfiança dos primeiros contatos que empreendi e nos quais as *strippers* colocaram em dúvida se eu era mesmo quem dizia ser. Havia, pois, uma incerteza a respeito das reais finalidades de minha comunicação, o que pode ter contribuído para que algumas delas não tenham aceitado conversar comigo. A título de exemplo, trago a fala de uma *stripper* que representa bem essa suspeita a meu respeito. Após alguns minutos de tentativas frustradas sobre os reais motivos de minha abordagem, ela declarou:

Leona: Você quer amizade e eu não estou disponível a isso aqui, seja sincero pelo menos... papo besta o seu!

Weslei: Não é isso, Leona! Sou pesquisador, é verdade! Inclusive posso te dar meu nome para consultar meu currículo no Portal Capes (base de currículos nacional de pesquisadores que atuam no país). Vou mandar o link, pode ser?

Leona: Nem adianta, porque aposto que qualquer pessoa pode se inscrever lá também. Isso é papo furado, estou fora! Beijos.

O encaminhamento do currículo resultou, entretanto, em efeitos positivos em alguns casos, pois algumas *strippers* comen-

5. www.lovecam.com.br, www.xlivebr.com, www.camerahot.com.br, www.stripteasevirtual.com, www.belasdawe.com.br, www.prazervirtual.com, www.webcamsexy.com.br, www.dreamcam.com.br, www.atrevideoscam.net.

taram que o haviam olhado e que a referência de identidade e da pesquisa em uma instituição governamental indicava que eu era um pesquisador de verdade.

Assim, a partir da exploração dos blogs e sites pessoais, outras *strippers* se tornaram interlocutoras da pesquisa. A rede de sociabilidade que se formava também contribuiu para esse empreendimento, pois elas foram indicando colegas e conversando com outras para que concordassem em compartilhar suas experiências. Nesses contatos, era recorrente a representação de que esta pesquisa era uma investigação jornalística, talvez por algumas delas ignorarem o motivo e as particularidades do trabalho antropológico, ou por não haverem entendido bem os objetivos da pesquisa em um primeiro momento. No entanto, tal representação vinha carregada de status positivo, o que parece ter colaborado para que algumas tenham aceitado participar da investigação.

Em nosso primeiro contato, Suzi propôs a seguinte questão: “Vai fazer reportagem ou é só pesquisa?”. Nota-se em sua fala, que “fazer só pesquisa” tem uma conotação de menor importância que uma reportagem jornalística, cuja posição tem a ver com o fato de ela haver começado como *stripper* há pouco tempo e, por isso, buscava divulgação de seu trabalho. Posterior à explicação de que se tratava de uma pesquisa de doutorado, que resultaria em uma tese e, possivelmente, em algumas publicações, ela manifestou: “posso ser entrevistada, nossa que massa! (risos)”. Poucos meses após esse diálogo, ela perguntou se tinha saído alguma coisa “na mídia”.

Conscientes do mercado em que se situavam e baseadas na experiência, as *strippers* pesquisadas buscavam, a cada dia, o desenvolvimento de estratégias e mecanismos para fazerem-se mais conhecidas e destacarem-se nesse ramo. Além da publicidade em seu blog e redes sociais, Ludmilla, por exemplo, tinha fotos em outros espaços virtuais de conteúdo erótico e, neles, como forma de divulgação (conforme um dos próprios sites aponta), ela encena strip-teases parciais, ficando somente de calcinha em todos esses ensaios.

Os entraves encontrados no percurso da investigação, dizem respeito, principalmente, às dificuldades de localizar *strippers* que estivessem dispostas a manter diálogo fora dos sites desse tipo de serviço em que trabalham, e a despenderem seu tempo com a pesquisa, como também encontrar tempo e disponibilidade na apertada agenda de shows para interlocução com aquelas que aceitaram tomar parte desta proposta. Isso demandou muitas horas semanais conectado à internet, por mais de dois anos, para a pesquisa de campo, ainda que tenha havido curtas intermitências nesse empreendimento.

Assim, com o objetivo de investigar um grupo de mulheres que oferece shows⁶ de strip-tease via webcam – a partir de suas casas, e compreender como elas, no contexto de sua prática, percebem, vivenciam e significam o corpo nessas interações com os clientes –, a referida etnografia se concentrou em acompanhar nove *web strippers* com as quais foram realizadas entrevistas semiestruturadas, além de conversas informais ao longo de pouco mais de dois anos.

6. Termo êmico. Em vários momentos, o vocábulo pareceu pouco adequado para referir-se às práticas das *strippers* diante da webcam, porque remete à ideia de um público que assiste a um espetáculo que se desenvolve diante de seus olhos sem que dele participe. É verdade que, pelo que elas relataram, há shows em que o cliente não se manifesta em nenhum momento, mas isso é pouco comum.

Contam também depoimentos de algumas *strippers* que, a princípio, dispuseram-se a colaborar e que depois do primeiro ou de poucos contatos, “desapareceram”. “Com a mesma velocidade que aparecem, somem, e são substituídas por outras que logo somem também, é cíclico”, disse Ludmilla sobre o ingresso das mulheres nesse mercado.

Às vezes, entre uma conversa e outra, transcorriam dias, pelo fato de elas trabalharem em horários muito diversos, o que fazia com que os desencontros ocorressem com relativa frequência. As atualizações feitas nos blogs e sites pessoais, bem como as postagens nas redes sociais eram acompanhadas semanalmente. Por três meses acompanhei as apresentações de Ludmilla e Luana no site StripGatas⁷, que se afirma como “O primeiro site de strip coletivo do Brasil”. Nesse espaço, a cada noite, sempre às 23h, uma garota fazia um show de uma hora de duração por um valor modesto (ao custo de R\$5,00 à época) para cada espectador, sendo que normalmente, cerca de quarenta pessoas assistiam às apresentações.

Dessa perspectiva, e em acordo com a alegação de que “situar-nos [no universo cultural do grupo], eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal” (GEERTZ, 1978, p. 23), visitei os mesmos blogs e sites inúmeras vezes em busca de decifrar conexões e revelar o que se encontrava oculto, bem como no intuito de averiguar possíveis atualizações. Além disso, cataloguei fotos e mensagens. Ainda em relação ao situar-se, vale uma transcrição literal do meu diário de campo, em relação ao meu envolvimento com as interlocutoras:

Apreendi a lidar com longas esperas, a fim de que alguma das *strippers* pudesse conversar comigo, nos momentos em que não estava com algum cliente. Dialoguei com elas por várias horas sobre seu trabalho, bem como mantivemos conversas informais, enfim, estive envolvido com e no campo pesquisado durante esse tempo de pesquisa, ou melhor, até a finalização da escrita da tese.

Dialoguei com minhas interlocutoras, muitas vezes pelos comunicadores instantâneos, no sentido de buscar compreender, mesmo que parcialmente, o *ethos* de sua vivência corporal no exercício de sua ocupação. Tais conversações se fizeram fundamentais para que pudesse alcançar os modos: como elas representam sua ocupação e a si mesmas, enquanto profissionais de strip-tease; como transitam pelos espaços privado e público que, a princípio, pareciam coexistir em seus lares por conta de seu trabalho; como organizam sua vida em razão do próprio trabalho e, principalmente, como experimentam o corpo na realização de seus shows. Essa postura interativa, e essencialmente dialógica, não acompanhou, entretanto, todas as etapas da pesquisa de campo. Nos momentos dos shows, aos quais tive acesso em diversos sites, assumi sempre a atitude de observador, sem comentar qualquer coisa, por considerar que minha interferência poderia quebrar sua dinâmica. Julguei que o reconhecimento da presença de um pesquisador por parte dos clientes, talvez fosse prejudicial para a realização dos shows, tendo em conta experiências anteriores a respeito disso e que serão colocadas um pouco mais à frente.

7. www.stripgatas.com.br Em agosto de 2012, pelo que eu soube das *strippers*, o site encerrou suas atividades para uma reconfiguração de sua dinâmica. Até o final de 2013, quando finalizei a pesquisa, ele não havia voltado.

Nas apresentações que duas das *strippers* envolvidas no site Stripgatas, cujos shows eram sempre coletivos e que possibilitava a interação dos frequentadores entre si, e entre eles e as *strippers*, por meio de um *chat*, ainda que minha presença se fizesse notada por todos por meio do *codinome adotado por mim nesses espaços*, não busquei a menção de diálogo em nenhuma das vezes. No máximo, respondia à interpelação de alguém e buscava ficar apenas observando o show que se desenvolvia. Mantive a minha condição de observador, embora não passivo do qual fala Hine (2001). Mesmo com a possibilidade de gravação dos shows por ferramentas disponíveis na internet (e eu o fiz algumas vezes, a fim de poder consultá-las mais tarde), acreditava que o mais adequado seria buscar, no momento em que a cena se realizava, apreender tudo o que interessava para a investigação, por meio de descrições e notas pessoais acerca do que vislumbrava naquele momento. Minha presença nesses casos, portanto, não se fazia desconhecida das *strippers*. Era comum, inclusive, que conversássemos durante o dia a respeito de eu observar o show que elas realizariam, como também após o término. Nas vezes em que a *stripper* Deusa da Web me mandou o link dos sites em que se apresentava gratuitamente, e para uma plateia composta de várias pessoas, também mantive a postura de observador.

É preciso deixar claro que embora eu tenha dialogado com essas mulheres durante muitos meses, na etnografia levada a cabo não foi realizada uma observação participante. Assisti a diferentes shows, acompanhei atualizações em blogs, sites e redes sociais, portanto, é possível pensar que foi realizada uma *observação acompanhante*,

tal como diz Díaz-Benítez (2007) em sua pesquisa dentro do *darkroom*⁸ de uma boate de práticas homoeróticas. Não deixei em seus blogs e sites nenhum depoimento ou qualquer outra marcação pessoal, como também não interagi com qualquer outra pessoa que buscasse nesses espaços o contato das *strippers*. Só acompanhei os *posts* escritos nas redes sociais na busca de pistas e informações que pudessem contribuir para a interpretação, em acordo com os objetivos aqui colocados. Também não comentei os shows assistidos (como é usual entre cliente e *stripper*), justamente para que não houvesse qualquer quebra da dinâmica devido a interferências externas. Mas a minha presença sempre foi explicitada e, muitas vezes, depois do show, algumas questões e dúvidas que surgiam durante a apresentação eram retomadas em conversas on-line.

3. O mercado de strip-tease on-line e a constituição de corpos femininos para o consumo

Imerso em um cenário complexo, marcado por configurações próprias e que dizem respeito a uma variedade significativa de práticas, vivências e sentimentos, o comércio de strip-tease virtual envolve variadas técnicas e estratégias das mulheres que se dedicam a essa prática acerca da configuração do corpo, sua representação e exibição. Nesse jogo, elas se constroem por meio de roupas, gestos e comportamentos, táticas de conquista e linguagem, resultando em imagens comerciáveis de femininos corporificados em acordo com uma estética representada por elas como adequada para a conquista do maior número possível de

8. Trata-se de uma sala escura, normalmente em uma boate, clube de sexo ou saunas para adultos, onde os clientes podem se envolver em atividades sexuais, relativamente discretas.

clientes. Diante disso, comumente percebem seu corpo como uma base material que precisa ser trabalhada, investida por meio de cuidados com a manutenção e/ou aprimoramento da beleza, bem como através de um processo de pedagogização em que desenvolvem as características e comportamentos a fim de fazer incidir estereótipos e representações sobre si mesmas dentro do universo erótico.

Inscrito em uma ambiguidade discursiva, diferentemente da ideia que a palavra “strip-tease” carrega em seu cerne, essas mulheres não apenas dançam eroticamente enquanto tiram a roupa, mas, dependendo do que está incluído no pacote de show, cuja variação de minutos e preços inclui uma diversidade de práticas e fetiches, elas comumente se masturbam diante da webcam, penetram a vagina e/ou ânus com vibradores, dildos⁹ e outros objetos eróticos, dentre outras solicitações e fantasias dos clientes, enquanto interagem com eles. Suas apresentações não se encerram com o nu; ao contrário, é geralmente a partir de seu desnudamento que suas performances ganham maior relevo. Segundo elas, esse é, em geral, o maior atrativo para os clientes.

Para que os shows aconteçam, várias circunstâncias estão em jogo: contam o espaço virtual em que se apresentam (sites ou comunicadores instantâneos), o público ao qual se dirigem, se é feito para uma plateia maior ou para uma pessoa (ainda que possa ficar obscuro quem ou quantas pessoas estão do outro lado), o tipo de pacote contratado, o tempo de show, a relação de cor-

dialidade com o cliente, entre outras. A esse respeito Ludmilla assim manifesta:

Eu vou fazendo e atendendo os pedidos, se ele comprou com anal, eu faço [com o uso de vibradores e dildos], se comprou sem, não faço. Não é bem um roteiro, é como no restaurante, você pede bife com arroz e não adianta reclamar que não veio batata frita, porque você viu previamente que não constava isso no seu prato (pacote) e também não pagou pelas batatas fritas. Não é roteiro não, eu faço o que o show inclui, mas não tem ordem, pois o cara interage; e nos shows mais caros ele pode escolher – alguns nem ligam, aí sou eu que escolho.

Em suas dramatizações cotidianas, as performers, a cada pose, buscam o melhor ângulo que capte todo o potencial erótico de cada parte de seu corpo. A fim de materializarem-se diante dos olhos de quem as vê, e em prol da abolição da metáfora e do segredo, cada detalhe de seus corpos é exibido para que seja consumido, parte por parte, pelos clientes que buscam não somente a visibilidade de seu corpo, mas uma hipervisibilidade, que sacie seu prazer e pulsão de observar detalhadamente cada fração, cada pormenor.

Tais imagens são, portanto, um aglomerado de signos fragmentados que partem de seu corpo (ou de partes dele), onde gestos, movimentos, poses, sussurros, gemidos e diversas práticas erótico-sexuais, levadas a cabo por elas, constituem mercadorias de caráter espetacular. Por conta disso, há

9. Dildos (consolos) e vibradores são objetos pensados e construídos para a penetração vaginal e anal, sendo que os últimos se diferem dos primeiros em razão de, como o próprio nome indica, vibrarem quando ligados (GREGORI, 2004). No caso das *strippers* virtuais entrevistadas, é mais comum que usem dildos. Considerando a dificuldade em diferenciá-los só a partir de sua visualização e de suas falas, uso os dois termos aqui, indistintamente.

um exagero na estereotipia de gênero performatizada pelas *strippers* a partir de tais referências. Uma amostra patente disso é o destaque dado aos glúteos, e ao lugar que ocupam no material de publicidade de seu trabalho e na ordem dos shows. Assim, fazendo aqui uma analogia sobre o que diz Le Breton (2009, p. 243) a respeito da prática de atores, é possível afirmar que as *strippers* meneiam “simbolicamente o instrumento de trabalho constituído por seu corpo. Com o mesmo ela[s] desenham[m] formas imaginárias, extraídas do veio comum de sinais partilhados com seu público”.

Às vezes, de um show a outro, cujo intervalo pode ser de poucos minutos, é necessário que elas incorporem um tipo completamente diferente do anterior, utilizando como base para essa criação sua própria pessoa, que é moldada por uma plasticidade de papéis, bem como pela pluralidade afetiva e pela liberdade de expressão e movimentos possíveis utilizados no palco a fim de atenderem expectativas de seu público. Nessas dimensões, elas são levadas a desenvolver várias representações que simbolizam a mulher por meio de distintos estereótipos, dentre os quais se colocam os de mulher fatal, virgem, estudante etc., que funcionam por meio de roupas, histórias, gestos e disposições corporais que simulam situações potencialmente reais. E justamente por conta dessa condição, incitam o desejo e prometem o gozo aos clientes que anseiam por um espetáculo de strip-tease e sexo virtual.

Esse processo não implica somente na assunção de diferentes personagens ou papéis por parte delas, o que ocorre de fato; mas também no constante fluxo e transformação de linguagens audiovisuais e signifi-

cados que elas materializam a partir do e no corpo, em que a interação

[...] desenrola-se em uma espécie de sonho acordado, de alucinação, onde o corpo do outro, sua estesia, é o suporte de uma toalha de imagens. [...]. As modulações do rosto ou da voz, os gestuais, os ritmos pessoais enraízam o encontro e orientam com uma linha de força mais eficaz do que o encomendado [...] (LE BRETON, 2011, p. 158-9)

Assim, para se construírem como *stripper*, essas mulheres ressignificam o gênero, incorporando posturas, gestos e comportamentos que condizem com a estética de mulheres hiperfemininas e hipersexualizadas quando postas em cena. Corpo versátil e polissêmico, elas buscam comunicar o que lhes é solicitado, atendendo às expectativas e desejos de quem quer e pode contratá-las.

4. As relações corporais no cenário da pesquisa

No primeiro contato com Deusa da Web, ela questionou o motivo de não haver minha foto no Skype¹⁰. Essa reivindicação vem à tona na reflexão sobre as relações corporais entre investigador e sujeitos pesquisados. Pouco importava, parecia, que eu tivesse enviado o link do meu currículo Lattes, além da explicação dos objetivos da pesquisa. Naquele momento, sua atenção estava colocada a respeito de quem eu era, talvez num sentido de minha materialização diante dela, e as referências certamente não diziam muito. Anexei uma foto de rosto e a minha idade passou a ser o objeto da curiosidade. Nesse interim, sem aviso, Deusa enviou um convite para que a conversa conti-

10. Conta criada especificamente para a pesquisa.

nuasse via webcam. Tudo levava a crer que ela buscava assegurar-se de que a pessoa da fotografia era a mesma que falava com ela, que não se travava de um “fake” que se dizia pesquisador. Em face dessa experiência, e a fim de buscar minimizar essa dúvida e evitar que ela afetasse negativamente o contato com outras possíveis co-locutoras, adicionei uma fotografia ao currículo Lattes, que era devidamente direcionado às *strippers* a cada nova convocação.

Deusa não foi a única que quis me ver pela webcam. A maioria das mulheres que aceitou tomar parte da pesquisa pedia, usualmente na primeira interlocução, que a conversa continuasse pela câmera, alegando que dessa forma haveria mais espontaneidade. Se essa foi a justificativa em alguns casos, foi possível perceber que o motivo era geralmente outro, o de verificar quem realmente se colocava atrás da tela do computador. Sobre a possibilidade de ligar a webcam, Ludmilla, uma das principais interlocutoras, comenta:

Podemos ligar [a webcam] daqui a pouco pra eu ver que você é real (rs), depois que eu fizer um show aqui.[...]

Oiii. Você existeeeee... hahaha... põe a mão no nariz (rs).

Após essa primeira conversa, o uso do vídeo geralmente não se repetia, à exceção de alguns momentos com Deusa da Web e Luana. Mesmo diante de solicitações para que a webcam fosse ligada em outros dias, as respostas pendiam para a justificativa de estarem conversando com clientes no momento, preparando-se para os shows ou que estavam desarrumadas, sem maquiagem e que não gostariam de se mostrar de qualquer jeito. Realmente, em incontáveis ocasiões, seja no momento de alguma entrevi-

ta (geralmente fragmentada em muitas sessões) seja em conversas informais, foi necessária a suspensão do diálogo porque elas haviam acabado de negociar um show e precisavam preparar-se ou atender o cliente imediatamente. É fato, no entanto, que as *strippers* deixaram claro que gostariam de, se não conhecer, pelo menos saber um pouco mais sobre a pessoa que buscava “entrar em suas vidas”. Sobre essa questão, vale transcrever um trecho de meu caderno de campo, citado em minha tese de doutorado:

Lara, diferentemente de outras *strippers*, não solicitou que eu ligasse a webcam, mas inquirei se eu tinha uma conta pessoal no Facebook, que não estivesse vinculada à pesquisa. Admito que fiquei receoso que ela pudesse me adicionar em sua conta que servia para a divulgação de seu trabalho. Assim, diante de minha hesitação em responder prontamente à sua indagação, possivelmente entrevedo no que eu estava pensando, ela ponderou dizendo: “não vou te adicionar não, só quero dar uma olhada no seu Facebook para saber um pouco mais de você, se não se importar”. Em seguida enviei-lhe o endereço de minha página. Seu comentário, no entanto, colocou-me naquele momento, em situação de desconforto, pois justamente eu que buscava conhecer mais de sua vida, de seu trabalho, de suas aspirações e experiências, precisei que ela apelasse de forma mais contundente para que eu lhe concedesse o que me foi solicitado. Nos diálogos mantidos com minhas interlocutoras, não fui ascético, ao contrário. Escutei suas queixas, falamos de temas diversos, rimos. Entretanto, o recuo que experimentei na situação com Lara, impeliu-me a ser mais permeável com ela e fez-me recordar que a experiência etnográfica é uma confluência de subjetividades. (SILVA, 2014, p. 49-50)

Um aspecto que merece atenção se refere ao fato de que, mesmo sem o deslocamento físico, como ocorre em uma pesquisa de campo tradicional, na etnografia realizada no ciberespaço também há troca de experiências e a construção de um percurso por intermédio do corpo, de textos e de imagens.

Diante disso, cabe retomar as reflexões de Merleau-Ponty de que sendo o corpo a base da subjetividade humana, é possível somente estar e reconhecer-se no mundo por meio do corpo. Para tanto, ele fala de uma experiência incorporada como condição para a existência humana, que se dá por meio da percepção, ou seja, o reconhecimento de si mesmo e do mundo pelos sentidos, porque “tenho consciência de meu corpo através do mundo [...] e consciência do mundo devido ao meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 95). Trata-se de um corpo situado no mundo, que tem uma história, uma linguagem própria, que possibilita a relação com o outro e consigo mesmo, já que para o autor, o corpo, além de território próprio, é também o lugar de encontro.

Se os encontros face a face em ambiência física não foram possíveis¹¹ com as *strippers* virtuais, imaginei que a alternativa mais acertada seria sua realização via webcam, o que infelizmente não aconteceu em sua grande maioria. Em razão de experiências anteriores de pesquisa, julguei que seria muito importante poder dialogar por meio do “olho no olho”, ainda que com a mediação da tela do computador, pois, nas interações com os sujeitos da pesquisa

[...] o corpo possui multifacetadas vozes, passíveis de serem ou não vazadas, dependendo da fluidez do espaço subjetivo que lhe serve de *ethos*. Há texturas da existência quando contemplamos um corpo desvitalizado, abstinente; um corpo sensual, quente, experimentador; um corpo que só se explicita a partir de operadores incorporais, como o pai, empregado, patrão; um corpo que evoca sua liberdade; um corpo ambíguo. Todos esses e demais enunciados podem ser inscritos sobre o corpo [...]. Há uma polissemia de sentidos que o documento oral engendra: expressões faciais, gestos, timbre e tonalidade de voz, formas de respiração, regularidade das pausas, etc. (FERREIRA; GROSSI, 2004, p. 46)

Considerando, pois, que as interações sociais envolvem as expressões verbais e as não-verbais da linguagem que se complementam, a inviabilidade de interações por webcam impossibilitou a apreensão de várias nuances da comunicação com as *strippers*, ainda que eu estivesse consciente de que os significados produzidos no e pelo corpo “participam de uma ordem simbólica, como signos de uma expressividade que se faz perceber, compreender, ou melhor, que se deixa supor, pois sua significação nunca se revela perfeitamente transparente” (LE BRETON, 2009, p. 41).

Propus o uso do microfone, sem câmara, para que a conversa fosse facilitada, mas apenas Deusa da Web e Luana aceitaram comunicar-se dessa forma. As outras, lamentavelmente, preferiram seguir com a maneira mais convencional, e outras não

11. No planejamento da pesquisa, vislumbrei inclusive a possibilidade de encontro com as interlocutoras, o que não foi possível, pois a maioria se negou. Somado a isso havia a distância física, pois elas viviam em diversos lugares do país, o que, de certa forma, inviabilizava o empreendimento por falta de recursos para tantas viagens.

podiam utilizar do áudio, principalmente porque recebiam que suas famílias escutassem a conversa e descobrissem o tipo de vida que levavam. O uso da voz, com certeza, contribuiria para que houvesse não apenas mais fluidez, mas também maior densidade na conversa.

Como é sabido, a escritura compele um dinamismo diferente da linguagem falada, visto que comumente a digitação, no caso, não acompanha a ligeireza do pensamento, sem contar os impositivos das normas da língua. Nesse sentido, muitas vezes as questões propostas eram respondidas de modo muito sucinto, com pouco aprofundamento. Por mais que eu tentasse que elas pormenorizassem seu conteúdo, as argumentações vinham, em alguns momentos, nos mesmos moldes que os apontamentos que as antecederam, o que implicava que eu voltasse ao mesmo assunto em outros momentos. Com o tempo, percebi tratar-se de características que a modalidade de entrevista colocava. Escrever demanda muito mais trabalho que falar, tanto que na internet é usual que se use uma linguagem própria, condizente com a promessa de velocidade e simultaneidade que ela propõe. Assim, as abreviações e substituição de sílabas por apenas uma letra são bastante corriqueiras, tais como ksa (casa), pq (porque), vc (você), e assim por diante.

Na busca por maiores interações com as *strippers*, muitas de nossas conversas eram levadas a cabo enquanto as elas negociavam seus shows, esperavam clientes se conectarem para realizar o que foi previamente agendado, dentre outras situações, o que definitivamente incutia às nossas conversas um caráter de “aproveitar o tempo que tinham”. Essas condições também colaboravam para que as respostas fossem mais objetivas e curtas.

Importa aqui o alerta de Bourdieu (1998) de que as relações que envolvem uma investigação são relações sociais como quaisquer outras e, por isso, não estão isentas da possibilidade de violências simbólicas e distorções, as quais o pesquisador deve reconhecer e governar. Em outras palavras, os sujeitos envolvidos na pesquisa, tanto aqueles que a empreendem como os que são pesquisados, criam representações uns sobre os outros em todo o processo, cabendo aos primeiros levantar recursos para que possam, junto aos últimos, desnaturalizá-las.

[...] percebi, em algumas circunstâncias, que as diferenças de capital cultural e linguístico entre mim e duas *strippers* importaram mais do que eu poderia supor, uma vez que se desculparam mais de uma vez pela maneira como escreviam, referindo-se às possibilidades de erros na escrita das palavras. Uma delas citou, inclusive, que ficava acanhada em escrever para alguém que havia estudado tanto. Consciente dessas representações, busquei assumir o que Bourdieu (1998) chama de “reflexividade reflexa”, em minha incursão etnográfica no sentido de tentar arrefecer a assimetria que se colocou entre nós. Depois de tentar dissuadi-las de que não tinham que ter nenhum receio com a escrita, pois que na internet todos burlam um pouco as normas, busquei esmorecer a representação a mim vinculada e passei nos encontros seguintes a também abreviar um pouco as palavras e a usar uma linguagem mais informal, a fim de conquistar uma maior proximidade com minhas interlocutoras. (SILVA, 2014, p. 51)

Sendo a palavra uma das formas de expressão do corpo, conversar por meio da escrita, em comparação à linguagem oral, exige certo cuidado na corporificação do pen-

samento e constituição do discurso, pois é sabido que o que está escrito não tem volta, sem que as impressões, positivas ou negativas, ocupem o lugar do que foi corrigido posteriormente. Na pesquisa com as *strippers*, essa cautela se tornava explícita nos temas mais delicados (por exemplo, uma possível relação com a prostituição¹²) quando o texto era muitas vezes reformulado antes de ser enviado, para evitar inadequações, mas também para que o pouco tempo de diálogo fosse aproveitado da melhor forma.

Considerações finais

Mesmo que seja metafórica e materialmente distinto daquele campo pensado e vivido pelos precursores da antropologia quando o campo de pesquisa se constitui e se situa na virtualidade, não implica na necessidade de rompimento com os paradigmas clássicos da ciência mas tão-somente na sua contextualização e ajustes às diferenças e peculiaridades diante dos recentes contextos possibilitados pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Em vista disso, na investigação levada a cabo com as *strippers*, os pressupostos básicos da tradição etnográfica foram mantidos, dentre eles, a postura inicial de estranhamento em relação ao objeto de estudo, a consideração da presença da subjetivida-

de, de que os dados colhidos são interpretações de segunda e terceira mão, e de que o texto etnográfico se trata de textualidades múltiplas.

Nesse ressituar da etnografia, o contato com as mulheres investigadas, constituído pela mediação escrita no Skype, implicou em um ritmo diferente no processo de pesquisa, bem como em matizes muito próprias, resultando na assunção de alguns entraves teórico-metodológicos, conforme demonstrado. Além dessas implicações, chama atenção o fato de que se era necessária uma materialização visual do corpo num primeiro momento (por meio da webcam), passado esse evento, sua realização e expressão na virtualidade se dignificava quase sempre de maneira restrita à textualidade escrita.

Diferentemente de quando interagiam na pesquisa, e tendo logicamente em conta os objetivos empreendidos por elas no intercâmbio sexo-prazer-dinheiro, para a sua materialização diante dos clientes, via webcam, as *strippers* contavam com a assimilação de disposições corporais e linguagens próprias: o uso de maquiagens, roupas, sapatos e acessórios diversos para a corporificação de diferentes personagens, de acordo com a demanda dos clientes. Nesse cenário, além da exibição cuidadosa da superfície e aberturas anatômicas de seu corpo, a voz, o sorriso, os gestos, segundo elas

12. A ambivalência acerca do que fazem está muito presente no discurso das *strippers*. Sobre a dramatização dos atos eróticos cotidianos em seu trabalho, suas falas contêm traços de que ela tem a ver com strip-tease, com a função de atriz, especialmente aquela que se dedica a produções pornográficas; também tem aspectos que remetem à prostituição, um tipo de prostituição específico, construído e levado a cabo na virtualidade. Essa última referência ao trabalho de *stripper* virtual não é, de modo algum, aceito por todas. Elas transitam, pois, por espaços ambíguos dentro de um regime de visibilidade que opera a ramificação do mercado do sexo em que se inserem. Nesse sentido, ao questionar a Ludmilla porque elas se denominam *strippers* virtuais, se em suas apresentações elas vão muito além de um strip-tease, ela comenta: “Foi um nome que ‘pegou’, aí eu uso porque ajuda nas buscas e porque todo mundo está chamando assim, não tem um outro nome rolando”.

disseram, são importantes recursos cênicos em sua constituição enquanto corpos eróticos atrativos no mercado. Corpo versátil e polissêmico, elas buscam comunicar o que lhes é solicitado, atendendo às expectativas e desejos de quem quer e pode contratá-las.

Isso posto, as reflexões aqui trazidas buscam demonstrar que o sujeito, antes de ser um projeto hermético e acabado, é um processo construído constantemente, e que as experiências do *self* são sempre contextuais, socialmente constituídas e situadas. Dito de outro modo, o corpo, tanto quanto a pessoa e o gênero, não é um fato isolado de seu contexto, um destino inescapável, mas justamente o contrário: é um processo nunca terminado, com muitas possibilidades em seu desenvolvimento.

Referências

- BALDANZA, Renata Francisco. Comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual, *Intercom*, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1012-1.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2011.
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- CSORDAS, T. A corporeidade como um paradigma para a antropologia. In: CSORDAS, T. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.
- DA MATTA, R. "O Ofício do Etnólogo ou como ter *Anthropological Blues*". In: NUNES, E. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. DarkRoom aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de Campo*. São Paulo, n. 16, 2007.
- FERREIRA, A. C.; GROSSI, Y. S. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. *História Oral*, 7, p. 41-59, 2004.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GREGORI, M. F. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: PICITELLI, A. GREGORI, M. F.; CARRARA, S. *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. Londres: Sage Publications, 2001.
- GUTWIRTH, J. A etnologia, ciência ou literatura? *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n. 16, p. 223-239, dez. 2001.
- JAYME, J. G. *Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: Personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2001.
- LE BRETON, D. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LINS RIBEIRO, G. *Internet e a comunidade transnacional imaginada-virtual*. Série Antropologia. (198). Brasília, 1996. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie198empdf.pdf>. Acesso em: 02 maio. 2011.
- LINS RIBEIRO, G. Síntese da mesa redonda "Cultura, identidade e política na Era da informação". Rio de Janeiro, 2006. Trabalho apresentado no Seminário internacional Desenvolvimento em Questão: que sociedade da informação e do conhecimento? Organizado pelo Laboratório Interdisciplinar sobre a Informação e o Conhecimento – Liinc (UFRJ – Ibict).

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico Ocidental**: um relato dos empreendimentos e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural, 1976

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**, 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo, Editora UNESP, 2000, p. 17-36.

SILVA, C. P. **Sexualidades no ponto.com**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade *on-line*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2008.

SILVA, W. L. **Homens na roda**: vivências e interações corporais nas séries iniciais da Educação Básica. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica-PUC-Minas, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, W. L. **O sexo incorporado na web**: cenas e práticas de mulheres strippers. 2014. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica-PUC-Minas, Belo Horizonte, 2014.

VALE de ALMEIDA, M. **Corpo presente**: antropologia do corpo e da incorporação. *In*: VALE de ALMEIDA, M. **Corpo presente**: treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Portugal: Celta, 1996, p. 1-22.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: NUNES, E. O. (Org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

RESUMO

Este artigo busca problematizar os percursos teórico-metodológicos da etnografia desenvolvida sobre um grupo de mulheres, que se dedica ao mercado de strip-tease no ciberespaço, cujo objetivo central se relaciona à sua percepção e às representações de seu corpo no ofício, e principalmente como o vivenciam nas interações com seus clientes. A reflexão se dá em torno da minha inserção no campo de pesquisa, dos empecilhos e dos ruídos enfrentados, bem como as estratégias adotadas a fim de buscar transpô-los no desenvolvimento da investigação. Nesse panorama, sobretudo tendo em conta a temática da pesquisa, um aspecto significativo em seu desenvolvimento foi a impossibilidade de realização das entrevistas e conversas informais por meio de webcam ou pelo microfone, o que provavelmente dificultou a captação das várias nuances da comunicação. Ainda, a “falta de corpo” nessas interlocuções, desenvolvidas majoritariamente pela escrita, impeliu pouca fluidez às conversas em vários momentos, circunstância que, dentre outras, leva-me a abordar neste texto também a minha própria experiência corporal nas circunstâncias da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Etnografia. Corpo. *Strippers* virtuais.

ABSTRACT

This article aims to discuss the theoretical and methodological paths of ethnography developed on a group of women dedicated to the strip market in cyberspace, which main objective is related to the perception and representation of their work body, and especially how they experience it on the interactions with their clients. The reflection takes place around my insertion into the search field, the obstacles and problems faced and the strategies adopted to implement them in the research development. In this scenario, bearing in mind the theme of the research, a significant point in its development was the failure of accomplishing interviews and informal conversations via webcam or microphone, which probably made it difficult to capture many nuances of communication. Nevertheless, the “lack of body” in these dialogues, developed mostly by writing, caused little fluidity to the conversations at many moments, a circumstance which, among others, leads me to approach in this text also my own body experience in the circumstances of the research.

KEYWORDS

Ethnography. Body. Virtual strippers.

Recebido em: 02/01/2019

Aprovado em: 08/07/2021